



IV Congresso de Educação do CPAN
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN
'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'

A CIRANDA DOS JOGOS E BRINCADEIRAS NAS FALAS DAS CRIANÇAS RIBEIRINHAS

Mirian Bastos de Oliveira da Cruz

Anamaria Santana da Silva

PPGE-CPAN-UFMS

RESUMO: Este artigo apresenta dados de um estudo que teve como objetivo conhecer a importância das atividades educacionais desenvolvidas no Programa Social Povo das Águas com base nas falas das crianças ribeirinhas que participam desse programa. A problemática dessa pesquisa volta-se para a relação integral entre as crianças ribeirinhas, jogos e brincadeiras e literatura infantil, pois as crianças são sujeitos de direitos, protagonistas e que possuem sentimentos, desejos e vontades e que precisam ser ouvidas e não como um adulto em miniatura. Nos estudos dos textos na perspectiva dessa temática, destacamos questões voltadas à visibilidade das crianças: suas falas, expressões, sentimentos, gostos e gestos. Sendo este o desafio com o qual dialogamos, a referida pesquisa caracterizou-se como de campo, com abordagem qualitativa; com ênfase à pesquisa com crianças na perspectiva da Sociologia da Infância, para tanto, a coleta dos dados empíricos foi feita na região do Taquari localizada no Médio Pantanal, no município de Corumbá (MS), com 29 crianças ribeirinhas de 5 a 15 anos de idade; para isso, foram utilizadas entrevistas semiestruturadas. A entrevista com crianças é uma técnica explorada por autores como Kramer (2001) e Rodrigues, Borges e Silva (2014), que se dedicaram a ouvir a perspectiva de crianças. Os resultados revelaram que a ação do brincar é exercitada no cotidiano das crianças ribeirinhas, foi mostrada uma diversidade de brincadeiras próprias da cultura lúdica influenciada pelo social, cultural e físico. Também foi evidenciada uma amplitude desse repertório lúdico, em contato com as experiências lúdicas proporcionadas no programa social Povo das Águas de 2010 a 2016.

PALAVRAS CHAVE: Ludicidade; pesquisa com crianças; crianças ribeirinhas; Pantanal.

INTRODUÇÃO

O presente artigo apresenta dados de um trabalho de pesquisa que teve como objetivo geral conhecer a importância das atividades educativas desenvolvidas no Programa Social Povo das Águas¹ com base nas falas das crianças que participaram do

¹O programa social Povo das Águas, subsidiado pela Prefeitura de Corumbá, surgiu em 2009, passando a ser um projeto de lei em 2010 e lei municipal em 2012, a considerar a realidade da população ribeirinha do município de Corumbá, em Mato Grosso do Sul. Como destacado, essa população sofre com



IV Congresso de Educação do CPAN
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN
'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'

mesmo que são crianças moradoras em comunidades do Pantanal.

Entre as ações e atividades desenvolvidas pelo programa, destacamos neste trabalho as atividades lúdicas pedagógicas e educacionais que aconteceram durante sete anos. A relevância do tema proposto decorre da necessidade de compreender a relação social que as crianças podem ter com este universo lúdico, bem como compreender os impactos positivos no seu processo educacional.

Diante disso, as questões que nortearam esta pesquisa foram: como a criança percebe o ato de brincar? Como e de que maneira brincam, seja no contexto escolar ou em outros espaços de convivência? Qual a influência do contexto social da região ribeirinha para a escolha da brincadeira e ainda, qual a relevância dos jogos, brincadeiras e histórias no ambiente ribeirinho, para que assim pudéssemos fazer uma relação entre a cultura escolar e lúdica destas crianças.

Neste sentido, a ação lúdica permite a formação de indivíduos com certa flexibilidade e alteridade, capazes de interagir com o meio, desenvolvendo sua capacidade de produzir conhecimentos.

Sendo o brincar um direito legalmente constituído, é, portanto, inegável a importância das atividades lúdicas para o desenvolvimento integral da criança e essa significância tem merecido um olhar especial de psicólogos, educadores e pesquisadores de outras áreas do conhecimento que enfatizam o brincar como fator fundamental para o pleno atendimento das necessidades das crianças.

Diante do exposto, a presente pesquisa se justifica na tentativa de melhor compreender a importância das atividades lúdicas educativas desenvolvidas no Programa Social Povo das Águas, com base nas falas das crianças ribeirinhas.

PESQUISAS COM CRIANÇAS

Nos estudos sobre as pesquisas com crianças, destacamos as considerações de Rocha (2008) que, alerta para a necessidade de desconstruir preconceitos e mudança de

problemas ligados à Educação e também à Saúde, sobretudo, por causa do difícil acesso e a precária qualidade de vida. É objetivo do programa atender com serviços básicos de Saúde, Educação, Cultura, Lazer, Assistência Social, Direitos Humanos e demais serviços sociais à população dessa região pantaneira.



IV Congresso de Educação do CPAN
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN
'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'

ponto de vista: sair da visão do adulto para com a criança. A autora afirma que a criança tem muito a contribuir, a dizer e a nos informar, segundo ela, cabe ao pesquisador ouvir, escutar.

Para Rocha (2008) no caso da escuta da criança pelo adulto, haverá sempre uma interpretação orientada pelas próprias intenções propostas durante a ação comunicativa:

[...] a ênfase na escuta justifica-se pelo reconhecimento das crianças como agentes sociais, de sua competência para a ação, para a comunicação e troca cultural. Tal legitimação da ação social das crianças resulta também de um reconhecimento e de uma definição contemporânea de seus direitos fundamentais – de provisão, proteção e participação (ROCHA, 2008, p. 46).

Com essa estratégia de escuta, o pesquisador poderá compreender o ponto de vista da criança, o que elas fazem, sentem e pensam sobre suas experiências, sobre sua vida, considerando que produzem e reproduzem a cultura adulta, buscando significações acerca de sua própria existência. Neste sentido, é necessário que:

[...] o pesquisador se coloque no ponto de vista da criança e veja o mundo com os olhos da criança, como se estivesse vendo tudo pela primeira vez [...]! Isso vai exigir do pesquisador descentrar seu olhar de adulto para poder entender, pelas falas das crianças, os mundos sociais e culturais da infância [...] (SILVA; BARBOSA; KRAMER, 2008, p. 91).

Para as autoras Silva, Barbosa e Kramer (2008, p. 86), não basta ao pesquisador aprender a ver o mundo com olhos de criança, ele precisa aprender a ouvir, para que possa compreender gestos, discursos e ações. Afirmam ainda que, esse aprender de novo a ver e ouvir, a ficar afastado, participar, anotar, a interagir enquanto observa “[...] se alicerça na sensibilidade e na teoria e é produzido na investigação, mas é também um exercício que se enraíza na trajetória vivida no cotidiano”.

Ao definir a metodologia da pesquisa, é preciso considerar uma proposta que privilegie sua experiência social com as crianças. É preciso também que o pesquisador considere a idade das crianças - pois crianças menores podem sentir dificuldades de se expressar apenas oralmente e por isso o pesquisador pode se utilizar também de outras formas de apreensão da expressão e comunicação, como, jogos e desenhos.

Desta forma é importante destacar o porquê da necessidade de se fazer pesquisa com a criança, até mesmo para compreender a organização social na qual ela está inserida e a partir de então analisar suas respostas e comportamentos.



IV Congresso de Educação do CPAN
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN
'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'

De acordo com Rocha (2008), a pesquisa com crianças veio a se consolidar no século XX, na qual passou a entender a criança como um “objeto de estudo” que por consequência passou-se a ver a criança de maneira diferenciada no sentido de que possuem necessidades específicas e próprias de sua fase de vida.

Os aspectos teóricos e metodológicos das pesquisas com crianças devem considerar o pesquisador como alguém que conduzirá a pesquisa de modo a interferir o mínimo possível, assim como também deve observar não somente as repostas como algo isolado, mas como algo que advém de todo um contexto social na qual a criança está inserida.

Francischine e Campos (2008) destacam em seus estudos a importância da relação entre pesquisador e pesquisado no sentido de se tomar cuidado nas interferências que o adulto possa fazer sobre a criança e que para que isso não ocorra deve-se observar se o pesquisador não está exercendo “poder” sobre o pesquisado fazendo-o com que esse responda aquilo que se deseja ouvir e não o que verdadeiramente a criança deseja expor.

Diante dessa questão, cabe ao pesquisador observar-se e criar estratégias, para que a sua influência sobre a criança seja a menor possível, lembrando sempre que não existe resposta correta ou esperada e que o mais importante é a construção de uma resposta.

Segundo Rocha (2008), para uma escuta comprometida da criança pesquisada, é preciso considerar as faixas etárias, gênero, classe e etnia, entendendo a escuta como algo mais abrangente do que a comunicação por meio da fala, pois é necessário considerar as expressões corporais, gestuais e faciais, sendo desta forma, inadequado a entrevista direta com crianças limitando-a a responder somente o que lhe é perguntado e por vezes com respostas inadequadas devido a orientação e planejamento metodológico aplicado ser rigoroso demais para o público pesquisado.

A entrevista direta com crianças revela-se inadequada, porque estabelece um constrangimento de várias ordens sociais: geracionais, de gênero, de classe social, étnicos ou raciais – além de impingir à criança algo que é produto de um mero interesse de investigação da dificuldade que o adulto tem de abandonar, de fato, uma perspectiva de manter relações hierárquicas de poder, em que ele decide de forma unilateral o que é legítimo para as crianças (ROCHA, 2008. p. 45).

De acordo com Francischine e Campos (2008) cabe ao pesquisador estar atendo também, aos aspectos afetivos que possam surgir durante a pesquisa para que não



IV Congresso de Educação do CPAN
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN
'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'

interfiram nas respostas das crianças e também deve se desprender de pré-conceitos, valores e juízos independente das questões sociais e contextuais que a criança vive.

Na pesquisa com crianças há alguns aspectos a se considerar que pode melhorar sua escuta, assim como diz as autoras Francischine e Campos (2005), na qual destacam: a importância de estabelecer um contato anterior a pesquisa entre o pesquisador e os pesquisados para que as crianças fiquem mais à vontade e estabeleçam melhor comunicação com o mesmo; outro aspecto diz respeito ao repertório cultural na qual a criança está inserida, deste deve ser considerado também como objeto de pesquisa peculiar, pois cada ambiente e contexto social que a criança vive tem suas especificidades.

[...] é preciso ir além das respostas estereotipadas, das reinterações que na realidade significam defesas e resistências que essas crianças desenvolvem para sobreviver em condições de repressão. [...] é preciso saber relacionar as respostas das crianças ao meio ambiente no qual vivem o seu cotidiano (FRANCISCHINE; CAMPOS, 2008, p. 41).

Portanto, o meio é um fundamental componente a ser considerado como fazendo parte da análise das respostas dadas pelas crianças, sendo este meio composto por todos os ambientes que a criança frequenta como sua casa, escola, parques, igrejas e mais especificamente nesta pesquisa são crianças que moram a beira do rio com condições peculiares de vida que precisam ser consideradas e analisadas de maneira diferenciada das crianças que por exemplo vivem na cidade.

Ouvir a criança exige a construção de estratégias de troca, de interação, mais do que de perguntas e respostas, pelas quais se nega que as crianças constituem significados de forma independente. Assim, o momento de escuta tem que ser também o momento de expressão dessa representação, que é uma representação coletiva (ROCHA, 2008, p. 49).

Rocha (2008), acrescenta que na pesquisa com crianças faz necessário não somente a gravação de suas falas, mas também das suas atividades e expressões gerais para um completo apanhado de dados.

O pesquisador deve ter olhos e ouvidos aguçados e atentos na direção dos pesquisados de modo a construir ferramentas que possam compreender as expressões culturais manifestadas pelas crianças e desse modo extrair material de análise.



IV Congresso de Educação do CPAN
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN
'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'

Assim, os brinquedos e as brincadeiras fazem parte do cotidiano das crianças e esses objetos e interações devem ser considerados em pesquisas com esse público, pois fazem parte do repertório cultural e simbólico da infância que possibilitam diversos olhares interpretativos e de especificidade da criança.

Desta forma, entende-se a criança como um ser que formula opiniões e posições e que produz significações sendo um ator ativo no processo de socialização e compreensão de mundo.

Segundo Rodrigues, Borges e Silva (2014), é preciso viabilizar a escuta da criança, dos seus sentimentos, medos e desejos, alegrias e tristezas, sonhos e esperanças valorizando a mesma e seus papéis sociais, reconhecendo –as como um ser humano integral capaz de responder ativamente sobre sua vida cotidiana e seus anseios.

Sob a perspectiva destas autoras, este exercício permite “[...] aprender com as crianças, conhecer seus gestos, ouvir suas falas, compreender suas interações como bússolas a indicar caminhos e traçar rotas a serem navegadas [...]” (RODRIGUES; BORGES; SILVA, 2014, p. 280).

A pesquisa sob o olhar da criança é nova e ainda pouco explorada, mas que vem permitindo que se amplie a compreensão do adulto sobre a infância e a criança, assim como suas reais necessidades, a partir da escuta da própria criança.

Segundo Rodrigues, Borges e Silva (2014) para que, a pesquisa com criança seja viável e eficiente é necessário deixar de lado a visão adulta que permeia a vida cotidiana, as lembranças e o olhar que o próprio pesquisador tem de si quando criança; superar também a imagem infantil que não permite ver a criança de forma mais ampla na qual é capaz de opinar e interagir com o adulto.

Entendendo então a criança como um ser completo, as pesquisas com as mesmas precisaram adaptar suas metodologias para melhor compreender esses sujeitos que agora passaram a ser porta-vozes de si mesmas e da sua vida.

De acordo com Borges (2015) no Brasil, essa nova visão acerca da criança e infância é relativamente recente, mais precisamente a partir da década de 1990 e teve como influências prioritárias pedagogos e sociólogos europeus. Nessa perspectiva as crianças são entendidas como produtoras de cultura ao interagir com outras crianças e com adultos, reconhecendo a alteridade da criança, uma vez que ela utiliza a cognição e simbolização própria para entender e atuar no mundo.



IV Congresso de Educação do CPAN
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN
'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'

A brincadeira e o ato de brincar é uma atividade muito séria para a criança, pois é onde irá expressar seus comportamentos, sentimentos, dúvidas, recriando situações e vivenciando-as mudando e sendo mudados pelo ambiente e pela brincadeira ressignificando conceitos e símbolos do seu dia a dia.

Sendo assim, a criança está inserida em um tempo e espaço, conviver com familiares, amigos e sociedade; tem características específicas da idade e do contexto na qual vivem; se desenvolvem e criam cultura e será todas essas características que a pesquisa com criança deve considerar e analisar.

Borges (2015) considera que o número de trabalhos encontrados de pesquisas com crianças é bastante expressivo, destaque que:

[...] é possível verificar um crescente, e talvez oscilante, interesse, por parte de pesquisadores brasileiros, nas novas possibilidades de estudos “com” a criança. Nota-se com clareza que os anos com maior número de produção são 2007, 2009 e 2012, com, respectivamente, 17%, 22% e 26% do total de publicações levantadas. Assim, tendo em vista o caráter embrionário do movimento que busca ouvir e conhecer o ponto de vista das crianças no Brasil (e no mundo) acerca de temas que lhes dizem respeito (BORGES, 2015, p. 62).

Diante desse panorama, existem indagações: como oportunizar a escuta das crianças para a realização de uma pesquisa? De que forma e como ouvir as crianças? Como coletar, registrar e analisar suas falas? Por fim, como dar “voz” a este sujeito de pouca idade?

Na perspectiva metodológica sobre a infância, nas Ciências Humanas e Sociais, os recursos a serem utilizados para ouvir as crianças e registrar suas falas ainda se apresentam incertos. As pesquisas que procuram considerar as “vozes” infantis ainda são bastante recentes, mas já representam um esforço por parte de alguns pesquisadores em construir os referenciais de análises que buscam compreender as representações sociais destes sujeitos.

Segundo Pereira, Salgado e Souza (2009) o encontro direto do pesquisador com seu objeto de estudo, que é a criança, pode proceder numa atitude mais reflexiva a respeito dos “lugares sociais” que um e outro foram negociando. Para as crianças, as narrativas criadas mencionam as divergências entre como ver a si próprias e como ver o mundo.



IV Congresso de Educação do CPAN
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN
'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'

Na percepção das autoras, a pesquisa com crianças que concebem a infância como um período de socialização, e a criança como construtora da cultura, acendem um mundo de informações, que ampliam o processo de construção de conhecimento e sentidos sobre os modos de perceber e significar a cultura contemporânea.

O CENÁRIO DA PESQUISA

Diante do exposto, a referida pesquisa teve como sujeitos principais crianças ribeirinhas que moram, estudam, convivem, brincam e crescem às margens do rio Paraguai. Para tanto, como instrumento de pesquisa optou-se pela realização de entrevistas semiestruturadas.²

Assim, o desafio foi pesquisar o significado e concepções do brincar na Região do Taquari, sob o olhar da criança protagonista que como sujeito de direitos; isso exigiu da pesquisadora desconstruir a percepção do adulto a respeito da mesma, de maneira que possa, a partir da análise das representações sociais, compreender e identificar os mundos da infância das crianças ribeirinhas em suas múltiplas determinações.

Para realização deste estudo foi preciso, como pesquisadora, navegar com a equipe do Programa Social “Povo das águas” pelo rio Paraguai durante 12 horas até chegar a Região do Taquari.

No decorrer da pesquisa de campo buscou-se gravar as falas das crianças referentes as suas experiências e vivências lúdicas a fim de compreendermos qual a sua relação com esse universo lúdico.

O local escolhido para a realização da pesquisa foi a Região do Taquari (aproximadamente 147 km do Porto de Corumbá) onde foram entrevistadas 29 crianças de 5 a 15 anos de idade, entre os dias onze e dezessete de outubro de dois mil e dezessete, no período matutino e vespertino. As crianças que participaram das entrevistas foram aquelas que estavam participando nos dias da ação social desenvolvida pela prefeitura.

É interessante observar que nessas comunidades, os adolescentes gostam de participar das atividades lúdicas e das brincadeiras. Conforme Sarmiento (1997), o que se

²As entrevistas com as crianças foram feitas a partir de um roteiro que continha 19 questões buscando compreender o perfil das crianças ribeirinhas, o cotidiano das mesmas, suas concepções sobre o brincar e sobre as atividades desenvolvidas pelo Projeto Povo das Águas.



IV Congresso de Educação do CPAN
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN
'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'

define como tempo de infância varia entre diferentes sociedades, culturas e comunidades, dependendo, também, da estratificação social. Pode variar, ainda, dependendo da duração histórica e da definição institucional da infância dominante em determinada época. Além disso, a luta pelo estabelecimento dos limites da infância faz parte do seu processo de construção cultural.

A coordenadora do Programa iniciava cada atendimento com uma reunião em grande roda para a apresentação da equipe e dos atendimentos e, neste momento acontecia a apresentação da pesquisadora bem como da justificativa da sua presença, a apresentação do objetivo da pesquisa e a apresentação do Termo de consentimento para a gravação da escuta de seus filhos. No término da conversa os responsáveis legais pelas crianças, assinavam o mesmo. As crianças também participaram juntamente com pais dessa grande roda.

As crianças eram acolhidas em uma roda e convidadas a participar de uma brincadeira diferente: brincar de entrevista com a pesquisadora, para escrevermos a nossa história através de perguntas sobre brincadeiras³.

As rodas de conversa eram feitas com o propósito de atrair a atenção das crianças, levá-las a se sentirem mais à vontade para falar sobre suas experiências e concepções lúdicas. Nas rodas de conversa as crianças eram entrevistadas individualmente.

Para darmos início as entrevistas e para que as crianças ficassem mais próximas e seguras, fizemos uma brincadeira de apresentação “Zipe, Zipe, Zá, vim aqui me apresentar”. Nessa brincadeira cada criança falou seu nome. Os grupos foram formados de 5 a 10 crianças de acordo com a quantidade em cada porto.

Nas rodas, a pedido das mesmas, ora colocava uma roupa de palhaço, ora adereços no cabelo, peruca de animais, entre outras fantasias. Os grupos que não estavam participando daquele momento das entrevistas brincavam com brinquedos como: livros de literatura, carrinhos, bonecas, cordas, bolas entre outros para que esperasse sua vez tranquilamente para participar da brincadeira de entrevista.

³Devido as experiências lúdicas já vivenciadas com elas nas edições anteriores, as crianças não apresentaram resistência. Na apresentação era explicado às crianças o que é pesquisa e o que uma pesquisadora faz e que elas podiam ou não aceitar participar do estudo. Como recurso material, teríamos um aparelho de celular que seria usado para gravar as situações propostas e folhas sulfites A4 coloridas para as ilustrações certificando a sua participação na pesquisa.



IV Congresso de Educação do CPAN
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN
'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'

No decorrer do processo de investigação para os registros, com a permissão dos pais e das crianças tiramos fotos no momento da sua participação e para certificação da contribuição das mesmas no objeto de estudo. Logo após o término das entrevistas, as crianças eram convidadas a fazer desenhos com suas assinaturas.

Apesar das expectativas sobre como seriam os encontros de entrevistas com as crianças, como pesquisadora foi necessário manter um distanciamento para coletar informações a respeito da importância da ludicidade nas falas das crianças. O afastamento das atividades como professora das crianças foi fundamental para que pudesse perceber e questionar a realidade e as relações que eram estabelecidas.

Ao entrevistador cabem alguns cuidados necessários para que a entrevista alcance os resultados desejáveis. Em primeiro lugar, respeitar e cumprir os acordos sobre local e horário marcados, respeitar a cultura e os valores do outro. Além disso, o entrevistador deve garantir o fluxo natural de informações, desenvolvendo a capacidade de ouvir atentamente o entrevistado, garantindo confiança entre ambos. É preciso, também, que o entrevistador esteja atento a outras gamas de expressões e comunicação não-verbais por parte do entrevistado, de modo a ajudar na compreensão daquilo que foi dito (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 35-36).

A partir destas ponderações e para manter o olhar investigativo enquanto pesquisador, foi necessário adotar cuidados de conduta durante a atividade de entrevista. As entrevistas foram realizadas em diferentes espaços, ora em torno do barco, ou no próprio, em baixo de árvores ou em torno de galpões e casas dos moradores da região. A partir da proximidade e do conhecimento da pesquisadora com os sujeitos, foi possível estabelecer um relacionamento espontâneo e verdadeiro durante o processo da entrevista, tornando possível o aprofundamento das informações obtidas.

A seguir, apresentamos os resultados obtidos nessa fase empírica da pesquisa, com os depoimentos das crianças entrevistadas e com os dados analisados e categorizados: quem são os sujeitos da pesquisa, sua cultura lúdica e o que pensam sobre as atividades desenvolvidas no Programa Social “Povo das Águas”.

O PERFIL DAS CRIANÇAS



IV Congresso de Educação do CPAN
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN
'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'

As crianças e adolescentes entrevistadas são moradores da Região do Taquari, filhos e filhas de famílias trabalhadoras, que sobrevivem de turismo, pesca e das ações sociais realizadas na região. Das 230 crianças que moram na Região do Taquari, 29 (vinte e nove) foram efetivamente entrevistadas, das quais 18 (dezoito) são meninas e 11 (onze) são meninos, com idades variando entre 5 (cinco) e 15 (quinze) anos de idade.

As crianças são estudantes das escolas públicas da Rede Municipal de Ensino da Região, estão inseridas no Ensino fundamental- séries iniciais- 2º ao 5º- 6º ao 9º ano. Apenas duas crianças de cinco anos não estudam.

Os dados apontam que a maioria das crianças moram longe da escola, exceto uma. Muitas delas frequentam a escola de tempo integral. Ainda existem crianças, que apesar de ter idade para frequentar a educação infantil, não estudam, devido não ser oferecido esse nível de educação nessa região.

A maioria das crianças disse que moram com pai, mãe e irmãos, algumas respostas se dividiram em morar com outros parentes, outras responderam morar somente com o pai. Das 29 (vinte e nove) crianças entrevistadas, apenas uma declarou não ter irmãos, já as 28 (vinte e oito) relataram ter de 1 a 10 irmãos.

Sobre o local de nascimento, algumas disseram que nasceram na Região do Taquari e a maior parte delas afirmam que nasceram na Cidade de Corumbá, MS. Entre os entrevistados 1 (uma) disse que nasceu: *“Na voadeira a caminho para Corumbá”*

Apesar das crianças terem nascido em Corumbá, todas afirmam serem pantaneiras, pertencentes aquela região.

A seguir, destacamos as falas dos entrevistados, que revelam como é seu cotidiano, o que fazem, seja em casa ou na escola, como e onde vivenciam as brincadeiras, jogos e histórias e ainda como concebem o brincar.

O QUE AS CRIANÇAS PENSAM SOBRE AS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NO PROGRAMA “POVO DAS ÁGUAS”

Para tentar compreender como as crianças avaliam as atividades desenvolvidas no programa, perguntamos quais os jogos que elas mais gostaram; as respostas se dividiram em brincadeiras de rodas, voltadas para movimento corporais, músicas, teatro, e literatura infantil; outras crianças declararam gostar de brincar de contação, leitura de



IV Congresso de Educação do CPAN
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN
'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'

histórias e teatro, uma pequena parte disse gostar de pintura facial e muitas disseram gostar de todas as brincadeiras.

No que se refere as preferências das crianças pelas histórias contadas durante o Programa Social “Povo das águas”, grande parte das entrevistadas relataram gostar de histórias clássicas, de contos e de fábulas; algumas crianças responderam que gostaram de todas as histórias. Uma pequena parte disse não se lembrar das histórias.

A seguir apresentamos um quadro

Atividades	Musicas	Brincadeiras	Histórias contadas
Leitura	Marcha soldado	Bandeirinha	Malala
Histórias de dançar	Juca e Abel	Dois passarinhos	Pacú
Teatro	Trula birula	Brincadeiras com elástico	A história do abraço
Pinturas no rosto		Casinha	A história da menininha negra
Desenhar		Brincar de palhacinha	A história do chapéu
Cantar		Hoje é domingo	Rita não grita
Teatro dos bichos		Vamos passear na floresta	A história do coelhinho
Ouvir histórias		Brincadeiras do lobo mau	Chapeuzinho vermelho
Fantoches dos bichos		Rodas	O macaco e a onça
		Pato ganso	
		Serpente	
		Cabo de guerra	
		Brincadeira da entrevista	
		Coelhinho sai da toca	

Com o intuito de obter informações sobre o que as crianças mudariam no trabalho desenvolvido, no Programa Social “Povo da Águas”, todos os entrevistados responderam que não mudariam nada.

As crianças ribeirinhas, nos mostraram sua cultura, mas também um universo lúdico permeado de jogos, brincadeiras e histórias, nos revelando muita criatividade e capacidade ao dominar a terra que pisam, bem como as árvores que escalam com habilidades. Suas brincadeiras são um convite para adentrarmos nesse universo, conhecermos e aprendermos a brincar com elas.

Considerar as crianças como sujeitos que nos ensinam nos remete refletir em uma relação dialógica de significados e intensa troca entre os sujeitos, uma relação de confronto e harmonia. Lopretti (2013) compreende que o ato de ensinar traz em si, prioritariamente, as marcas de um trabalho interativo, histórico e social.



IV Congresso de Educação do CPAN
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN
'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'

E foi nessa perspectiva que nos comprometemos a atravessar o rio Paraguai, corixos, trilhas e matas para realizarmos essa pesquisa com as crianças da região a fim de obtermos conhecimento e entendimento a partir do ponto de vista das crianças sobre as atividades educativas desenvolvidas no Programa Social “Povo das Águas no período de 2010 a 2016.

Considerando o próprio desenvolvimento humano como processo permeado pelas relações sociais compartilhadas entre sujeitos, Lopretti (2013) descreve:

As relações que as crianças estabelecem com o mundo são mediadas pelas relações estabelecidas com outros sujeitos, o que implica dizer que estas não constroem sozinhas o conhecimento que têm do mundo. Tal perspectiva nos permite afirmar que aprender significa participar efetivamente de um processo de construção sócio histórica, que, fundada na interação, permite o desenvolvimento (p. 99).

Assim, a finalidade foi dar visibilidade aos saberes produzidos pelas crianças, ouvindo e dando vez e voz a esses sujeitos protagonistas, constituídos pela cultura do seu contexto social e por suas diversas experiências com características históricas e sociais peculiares.

Contudo conceber as crianças como seres que vivem e produzem histórias, reconhecer suas capacidades e considerá-las como sujeitos de direitos são questões atuais da Pedagogia da Infância confirmadas por Formosinho (2008):

Distante do naturalismo ou espontaneísmo, que deixa a educação ao sabor da natureza intrínseca do ser humano, ou do racionalismo, que impõe a visão do adulto, observar a criança, ouvir sua voz, sondar suas intenções, para incorporá-la no processo educativo, é o caminho que a Pedagogia da Infância do século XX deixou para os tempos atuais (p. 7).

A autora alerta para o fato de que escutar as crianças é uma das responsabilidades do adulto que deseja conhecer as necessidades, interesses, competências e direitos das mesmas para um melhor planejamento das suas ações. É importante que o adulto não só ouça a criança, mas que valorize a sua fala e estimule esse exercício no seu cotidiano.

No âmbito de uma pedagogia da participação preconiza-se a construção de um cotidiano educativo que concebe a criança como uma pessoa com agência, que lê o mundo e o interpreta, que constrói saberes e cultura, que participa como pessoa e como cidadã na vida da família, da escola, da sociedade (FORMOSINHO, 2008, p. 33).



IV Congresso de Educação do CPAN
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN
'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'

Com base nos relatos, podemos perceber que as crianças se identificaram com as atividades lúdicas oferecidas a elas, ao longo do tempo elas foram se socializando com as professoras compartilhando suas vivências e suas brincadeiras. Notamos que o repertório de atividades voltadas para jogos, brincadeiras e histórias foram incorporadas no seu cotidiano, seja nos espaços escolares e não escolares. Com as vivências estabelecidas por meio das atividades lúdicas proporcionadas, percebemos que estas se tornaram mais desinibidas e autônomas, manifestando suas preferências por atividades que mais lhes agradam.

Tanto no campo da prática pedagógica como no plano da investigação vem defendendo a competência das crianças e que a sua escuta traz uma compreensão melhor, porque mais abrangente, do cotidiano vivido nos espaços educativos. E esta maior compreensão amplia as possibilidades de uma intervenção mais adequada para melhoria da qualidade da educação que é oferecida em cada contexto (CRUZ, 2008, p. 79).

Com base nas respostas sobre as experiências com literatura infantil que as crianças tiveram durante o programa estas foram significativas, pois apresentaram um aumento no repertório de títulos e ampliaram seus acervos de memórias com a contação de histórias assim também foi com os jogos e brincadeiras.

Portanto, faz muito sentido pensarmos a literatura como porta de entrada para a leitura das crianças. As histórias abordam situações muito próximas de seu cotidiano, falam de famílias, diferentes culturas e épocas, dos sentimentos, das relações, alimentam a imaginação e a fantasia, e contribuem com a socialização. Além disso, durante parte da infância as crianças buscam saber o que faz parte da realidade e o que é ficção. Sem dúvida estes são conceitos difíceis, porém as histórias as ajudam a compreendê-los. Fornecem elementos para a ampliação do seu conhecimento literário, social, histórico e cultural (FONSECA, 2012, p. 23-24).

Um outro aspecto relevante grafado nas falas das crianças e que as mesmas refletiram sobre as atividades lúdicas realizadas no Programa, expressando suas opiniões e preferências, permitindo compreender a importância da ludicidade para o seu desenvolvimento de suas capacidades físicas, afetivas, cognitivas e social.

Essas observações e o que podemos aprender com elas contribuem para a nossa aproximação cultural com as crianças e para compreendermos melhor a importância do brincar nas suas vidas. Certamente ficará mais claro para nós que o brincar é uma atividade humana significativa, por meio da qual os sujeitos se compreendem como sujeitos culturais e humanos, membros de um grupo social e, como tal, constitui um direito a ser assegurado na vida do homem (BORBA, 2007, p. 38).



IV Congresso de Educação do CPAN
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN
'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'

Reconhecer na audição das crianças a contribuição das atividades lúdicas desenvolvidas ao longo dos anos pelo Programa Social “Povo das Águas” não foi uma tarefa fácil. Foi necessário reconhecer que existem elementos distintos quando o entrevistado é uma criança e este já conhece o pesquisador. De professor a pesquisador a mudança além do ponto de vista conceitual é também físico, já que no momento da entrevista a interação é individual e com estratégia de investigação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ênfase da pesquisa foi a escuta das crianças, que tem como justificativa o reconhecimento destas como sujeitos de direitos, atores sociais, protagonistas, de sua competência para a ação, para comunicação e troca cultural. Como afirma Rocha (2008) tal legitimação da ação social das crianças resulta também do reconhecimento de uma definição contemporânea de seus direitos fundamentais, de provisão, proteção e participação.

Neste sentido, dar vez e voz as falas das crianças nos possibilitaram conhecer quais as concepções que a criança ribeirinha tem da ação do brincar bem como identificar as particularidades da mesma, ou seja, com quem, onde e em que espaços essa atividade é exercitada em seu cotidiano. O objeto de estudo centrou-se na cultura lúdica das crianças e na relação com a cultura da região do pantanal sul-mato-grossense.

Diante dessa perspectiva de ouvir a fala das crianças e assim aprender mais sobre as maneiras como a infância se consolida nos mais diversos espaços ajudou a construir o entendimento de que a infância é um período de descobertas, realizações, desenvolvimento da imaginação e criatividade.

A criança é um ser curioso, ativo, cheio de energias, com disposição e interesse pelas coisas do mundo. Na infância, o brincar, para ela, é uma das atividades mais prazerosas e enriquecedoras. É por meio do brincar que a criança pode aperfeiçoar seus conhecimentos prévios e agregar novos.

Para as crianças ribeirinhas o brincar é um elemento comum e compartilhado entre seus pares, sejam outras crianças, amigos e parentes, ou com os adultos que os rodeiam: pais, avós, tios e também professores.



IV Congresso de Educação do CPAN
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN
'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'

As atividades lúdicas desenvolvidas pelas professoras do Programa Social “Povo das Águas” construiu uma relação direta com as crianças que estabeleceram um vínculo afetivo com a ação do brincar com jogos, brincadeiras e contação de histórias. Esse vínculo que se estabeleceu através das interações sociais das crianças com as professoras e demais integrantes do programa, se fortaleceu e ajudou a ampliar o repertório da sua cultura lúdica. E, ao mesmo tempo, nos oportunizou o conhecimento da sua cultura lúdica contribuindo para incorporação de elementos que presentes em outras culturas lúdicas, como o palhaço e o contador de histórias.

REFERÊNCIAS

BORBA, Ângela Meyer. O brincar como um modo de ser e estar no mundo. In: BEAUCHAMP, Jeanete; PAGEL, Sandra Denise; NASCIMENTO, Aricéia Ribeiro de. **Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão de seis anos de idade.** Brasília: MEC. SEC, 2007.

BORGES, Tammi Flávie Peres. “**Todo mundo tá feliz?**” As percepções das crianças sobre a educação infantil nas pesquisas científicas brasileiras. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campus do Pantanal: UFMS, 2015.

CRUZ, Silvia Helena Vieira. (org). **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas.** São Paulo: Cortez, 2008.

FORMOSINHO, J. O. (Org.) **A escola vista pelas crianças.** Porto: Porto Editora, 2008.

FONSECA, Edi, BAROUKH, Josca Aline; ALVES Maria Cristina Carapeto Lavrador. (org). **Interações: com olhos de ler, apontamentos sobre a leitura para a prática do professor da Educação Infantil.** Coleção InterAções. São Paulo: Blucher, 2012.

LOPRETTI, T. A. P. E. **Os saberes das crianças ensinam à professora: contribuições para o desenvolvimento pessoal e profissional docente.** 2013. 136f. Tese (Doutorado em Educação). - Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas, Campinas (SP).

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

PEREIRA, Rita Maria Ribes; SOUZA, Solange Jobim *et al.* Pesquisador e criança: dialogismo e alteridade na produção da infância contemporânea. **Cadernos de Pesquisa**, v.39, n.138, set./dez., 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742009000300016&script=sci_arttext>. Acesso em 10 abr. 2018.



IV Congresso de Educação do CPAN
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN
'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'

ROCHA, Eloisa Acires Candal. Por que ouvir as crianças? Algumas questões para um debate científico multidisciplinar. In: CRUZ, Silva Helena Vieira (org.). **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisa**. São Paulo: Cortez, 2008.

RODRIGUES, Silvia Adriana; BORGES, Tammi Flavie Peres; e SILVA, Anamaria Santana da. “Com olhos de criança”: a metodologia de pesquisa com crianças pequenas no cenário brasileiro. **Nuances: estudos sobre Educação**, Presidente Prudente-SP, v. 25, n. 2, p. 270-290, maio/ago. 2014.

SARMENTO, Manuel Jacinto. As crianças e a infância: definindo conceitos delimitando o campo. In: PINTO, Manuel; SARMENTO, Manuel Jacinto. **As crianças: contextos e identidades**. Braga, Pt: Centro de Estudos da Criança da Universidade do Minho, 1997.

SILVA, Juliana Pereira. da; BARBOSA, Silvia. Neli. Falcão; KRAMER, Sonia. Questões teórico-metodológicas da pesquisa com crianças. In: CRUZ, S. H. V. **A criança fala**. A escuta de crianças em pesquisas. São Paulo: Cortez, 2008.